

UNIDADE DE IMUNOALERGOLOGIA

Imune às alergias

NUNCA É TARDE PARA TRATAR UMA ALERGIA. A PRIMEIRA SUSPEITA, PORÉM, EXIGE UMA INTERVENÇÃO SEM TEMPO A PERDER. DEZ ESPECIALISTAS, DOIS TÉCNICOS DE CARDIO-PNEUMOLOGIA E EQUIPAMENTOS DE DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO REFORÇADOS FORAM, POR ISSO, DESTACADOS PARA A UNIDADE DE IMUNOALERGOLOGIA DO HOSPITALCUF DESCOBERTAS. MISSÃO: GARANTIR UMA RESPOSTA RÁPIDA A TODOS OS ADULTOS E CRIANÇAS QUE TENHAM NAS ALERGIAS UM OBSTÁCULO À SUA QUALIDADE DE VIDA.

SÃO 10H DA MANHÃ e no Hospital de Dia de Imunoalergologia do hospitalcuft descobertas já se cozinha. A culinária parece fora de contexto, mas é fundamental para despistar novamente a alergia de Matilde ao ovo. Com apenas cinco anos, esta pequena paciente representa a faixa etária que mais ocorre a esta unidade com suspeitas de doença alérgica. Ao todo, 60% da procura corresponde a crianças que, como a Matilde, se deparam com uma batalha incómoda entre o seu sistema imunitário e o meio ambiente. A mãe, Sílvia, conta que a primeira reacção alérgica da filha ocorreu por volta dos seis meses «com a introdução de alimentos sólidos», que acabou por dar origem a uma «dermatite atópica na face, uma inflamação que lhe deixou a cara muito vermelha e inchada»,



Dr. Mário Morais de Almeida

recorda. Manifestava-se deste modo a primeira reacção alérgica de Matilde ao ovo, alimento que esteve banido da sua alimentação até aos três anos. «A partir desta idade deixou de fazer a alergia e agora estamos a tentar introduzir o ovo novamente na alimentação».

Para ter a garantia de que a alergia está por agora adormecida, Sílvia trouxe a filha à consulta de Imunoalergologia do hospitalcuft descobertas, onde Matilde foi submetida a uma das muitas provas alimentares diariamente realizadas nesta unidade. «Decidimos vir aqui porque estamos nas mãos do Doutor Mário Morais de Almeida, em quem confiamos totalmente», confessa. «O que ele diz para fazer, nós fazemos!».

A confiança depositada no responsável, clínico desta unidade hospitalar espe-



lha a relação que médicos e pacientes aqui partilham. Carla fez mais de 130 quilómetros para vir à mesma consulta. Cristina Arêde, a médica que segue o filho, Frederico, de nove anos, integra o corpo clínico do Hospital e foi o motivo pelo qual esta mãe viajou de Évora até Lisboa numa sexta-feira de manhã. «Sempre pensámos que, se isso significasse ter melhor qualidade de vida, deveríamos arriscar».

Quem não arrisca a saúde dos seus pacientes é a equipa de dez imunoalergologistas e dois técnicos de cardio-pneumologia, que se revezam nas salas do piso -1 do edifício de consultas externas do hospitalcuft descobertas para garantir uma boa capacidade de resposta a todos os casos de alergias que, diariamente e cada vez mais, chegam a esta unidade, a primeira da especialidade no sector privado.

UMA «OBSESSÃO» SAUDÁVEL

A funcionar há quase dez anos, a Unidade de Imunoalergologia do HCD surgiu, conforme explica Mário Morais

de Almeida, «das necessidades de resposta clínica na área da doença alérgica». Quando se fala em alergia é comum o pensamento caminhar para afecções como a rinite, a conjuntivite e a asma, «doenças em que as pessoas pensam primeiro», realça o especialista, mas que partilham o mesmo mecanismo de acção com alergias alimentares, a insectos e a medicamentos, «um desafio cada vez maior» nas palavras do médico.

Este tipo de reacções alérgicas exige a realização de provas como a que Matilde veio fazer – cuja finalidade é testar se a pessoa pode ou não ingerir um determinado alimento ou fármaco – que, como realça o imunoalergologista, «só podem ser realizadas num ambiente de internamento». Esta necessidade contribuiu para que o Hospital de Dia se tornasse numa realidade neste serviço hospitalar, «permitindo que estes testes não tivessem que ser realizados em enfermaria, ou seja, que pudessem ser feitos no período diurno, que pode ir até oito horas».

Uma comodidade que evita o internamento de muitos pacientes de Imunoalergologia, permitindo a integração de cuidados hospitalares em regime de ambulatório, maior segurança para a realização de determinados testes e, claro, a criação de um ambiente adaptado também aos mais jovens.

Por outro lado, explica Mário Morais de Almeida, «o Hospital de Dia possibilita também um melhor diagnóstico dos casos e avaliação de alternativas, sempre que assim se justifique». Este último cenário diz respeito, por exemplo, a uma pessoa que tenha a necessidade de fazer uma terapêutica com recurso a um medicamento a que é alérgica. Numa situação como esta, só uma unidade especializada pode intervir com segurança, sendo também indispensável quando se trata de encontrar protocolos para pessoas que sofrem de alergias alimentares. «Para nós, tornou-se quase uma obsessão formar um Hospital de Dia, até porque os problemas clínicos são um desafio cada vez maior», confessa o imunoalergologista.



AR, FONTE CRESCENTE DE ALERGIA

Asma e rinite são termos familiares para uma fatia cada vez maior da população, dado que «estas afecções são agora mais frequentes e também mais graves, pelo peso das condições ambientais». O factor ambiental, explica o médico, supera já o genético no que à potencial gravidade da alergia diz respeito: «Pode existir a tendência para o desenvolvimento da doença, mas é o impacto do ambiente que faz com que esta se manifeste».

Basta pensar nos trajectos diários de cada pessoa para se constatar por que esta é uma realidade tão impactante sobre a qualidade de vida das nossas vias respiratórias. Em casa, no carro, nos transportes públicos ou no trabalho, estamos constantemente expostos a uma atmosfera artificial, controlada por aparelhos que propagam alergénios e, na maioria das vezes, poluída, até dentro de casa. «As pessoas esquecem-se que o tabagismo é uma fonte de poluição no lar, tal como os carros na rua». Os agentes poluentes provenientes dos automóveis, quando conjugados com os pólenes, «tornam-os cada vez mais agressivos», salienta Mário Morais de Almeida, que, inevitavelmente, não deixa as alterações climáticas de fora desta equação. «Não se trata tanto de haver mais casos de alergias respiratórias, os que existem é que são mais preocupantes e difíceis».



INTERVIR O MAIS CEDO POSSÍVEL

A única forma de evitar que uma alergia controle a vida de uma pessoa prende-se com uma intervenção atempada, de preferência mal a alergia se manifeste. Ou seja, na infância. Talvez por isso as crianças sejam os pacientes que mais frequentam as duas salas de função respiratória desta unidade, onde se realizam exames de diagnóstico, como as pletismografias corporais, provas que avaliam a função

Idoneidade para formar Imunoalergologistas

Com características únicas do género no sector privado, a Unidade de Imunoalergologia destaca-se ainda por outra característica pioneira: possui idoneidade total para formar especialistas nesta área. Mário Morais de Almeida, responsável clínico da Unidade, explica melhor este reconhecimento: «Trata-se de um caso único no sector privado – a nível global, com esta capacidade, só existem duas unidades no País – e acabamos por receber aqui colegas dos Hospitais de Coimbra e de São João, no Porto, que vêm cá fazer estágios em idade pediátrica».

Além de meios técnicos de excelência, os internos «ficam muito agradados e surpreendidos com a capacidade que as pessoas têm de aderir aos tratamentos, tanto as crianças como os adolescentes». O «segredo», partilha o responsável, está em «conseguir motivar para o tratamento», uma característica desta unidade do hospitalcuf descobertas, que pretende «continuar a fazer escola».

A Unidade de Imunoalergologia espera, já no próximo ano, poder receber os seus próprios internos, por autorização do Ministério da Saúde, como qualquer outro hospital com idoneidade formativa. Mais um atestado de qualidade passado a esta equipa que, pela voz do seu responsável, confessa sentir-se muito orgulhosa por «contribuir, com bastante qualidade, para a formação em Imunoalergologia».

respiratória e que estão indicadas para, entre outros casos, acompanhar a terapêutica da asma. «Aqui na unidade, seguimos crianças desde o primeiro ano de vida, mas também idosos. O que sentimos é que as pessoas, muitas vezes, acham que a partir de uma determinada idade já não vale a pena fazer nada, o que não é verdade. Consegue sempre devolver-se qualidade de vida nestas doenças crónicas».

A maior afluência em idade pediátrica, em particular em idade pré-escolar, explica-se pela maior atenção que os pais prestam à saúde dos seus filhos. Porém, e apesar disso, o objectivo do corpo clínico da Unidade de Imunoalergologia continua a ser «intervir o mais cedo possível». O imunoalergologista explica porquê: «Antigamente, ia-se esperando até passar o problema, só que este acabava por se agravar, chegando à idade adulta. Felizmente, esta é uma atitude que está a desaparecer».

São, aliás, as próprias crianças que fazem questão de controlar o problema e de cooperar com os médicos. É o caso de Matilde, que «antes de comer qualquer coisa, faz questão de perguntar se pode», conta a mãe.

Para que crianças como a Matilde tenham desde cedo consciência daquilo que as limita fisicamente, Mário Morais de Almeida explica que é, então, fundamental não adiar a primeira consulta de Alergologia. «Os pais têm dúvidas quanto à idade aconselhada, pensam que só vale a pena consultar um especialista quando a criança tiver três ou cinco anos. Isto é errado, porque se a criança tiver dois ou três meses e existir a suspeita de um problema de alergia, deve ser referenciada para ser observada imediatamente».



CULTURA DE PROXIMIDADE

Dos 8 aos 80, os doentes alérgicos do serviço de Imunoalergologia estabelecem com a equipa que aqui trabalha uma relação de estreita partilha: os médicos aconselham sobre a melhor forma de vigiar a alergia e os pacientes, em troca, cumprem à risca a conduta prescrita. «Aqui, estabelecemos um compromisso com a família, que é o de todos se ajudarem mutuamente. E a verdade é que a regra é o cumprimento às nossas recomendações, o que nos deixa muito satisfeitos. É muito gratificante perceber que as crianças influenciam os pais a deixar de fumar, por exemplo», conta o especialista, que encontra

nesta boa colaboração uma razão simples e eficaz: «Não há uma imposição da nossa parte; não dizemos ao paciente que tem de agir de uma determinada forma porque somos uma "autoridade". Pensamos que as pessoas têm de ser ajudadas a fazer tudo aquilo que lhes devolva qualidade de vida, mas sem pressões. Aqui, não existe aquela cultura de punição quando os pacientes não cumpriram com o que lhes dissemos, porque existem sempre formas de lá chegar».

Na equipa liderada por Mário Morais de Almeida, esta passa pela proximidade com os doentes e pelo seu envolvimento nos tratamentos. Uma relação patente na conduta de Matilde e Sílvia, de Frederico e Carla, que no serviço de Imunoalergologia do HCD já aprenderam uma valiosa lição: para (con)viver com uma alergia, sem ter que se sacrificar o bem-estar, importa saber interpretar os sinais do corpo e estar vigilante da saúde.



Unidade de Imunoalergologia
Rua Mário Botas - Parque das Nações
1998-018 Lisboa

Para mais informações
Tel.: +351 210 025 200
Site: www.saudecuf.pt